

BOLETIM da CBAI



COMISSÃO BRASILEIRO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO INDUSTRIAL

PROGRAMA DE COOPERAÇÃO EDUCACIONAL MANTIDO PELOS GOVERNOS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

Vol. XV

ABRIL — 1961

N.º 2

ADMINISTRAÇÃO DA CBAI

Superintendente: Dr. Armando Hildebrand.

Chefe da Delegação Americana: Dr. Arthur F. Byrnes.

ENDEREÇO:

Av. Marechal Câmara, 350 — 3.º andar.
Rio de Janeiro — Estado da Guanabara — Brasil.

* * *

CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

Co-Diretor: Dr. Lauro Wilhelm.

Diretor Técnico Americano: Alton D. Hill.

ENDEREÇO:

Escola Técnica de Curitiba
Av. 7 de Setembro esq. Westfalen.
Curitiba — Paraná — Brasil.

* * *

SUMÁRIO

EDITORIAL:

Tiradentes — O Mártir da Independência.

NOTICIÁRIO:

Revisão salarial nos quadros de pessoal da Escola Técnica de Curitiba.

Notícias da Escola Técnica de Minas e Metalurgia de Ouro Preto.

O Boletim apresenta Mr. Donald M. Shotts.

Liderança.

Novos Conselhos de Representantes.

O Valor da Educação Física nas Escolas Industriais.

Divagações Lingüísticas.

Canto Orfeônico.

EDITORIAL:

TIRADENTES

O MÁRTIR DA INDEPENDÊNCIA

Cada vez que se comemora no Brasil o aniversário da morte de José Joaquim da Silva Xavier, cognominado o mártir da Independência do Brasil, sentimos novamente a admiração pelo arrojo como se impôs frente aos problemas cruciantes que lhes foram impostos, sem esmorecimento de seu ideal pelas coisas que nos são caras.

O amor inquebrantável e a dedicação pelo seu terrão natal tornou a figura de Tiradentes digna do nosso respeito e admiração.

Compreendemos os resultados benéficos daqueles que se dedicam de corpo e alma em prol das gerações futuras.

As humilhações sofridas, o sangue derramado por Tiradentes serviram ainda mais para aumentar a aspiração dos brasileiros.

A liberdade tão desejada por todos os brasileiros tornou-se uma realidade de cujo exemplo de dignidade nos valemos hoje.

As maldições proferidas pelos que sempre usaram a chibata, trouxeram-nos as bênçãos de Deus a esta terra onde vicejam a paz e a felicidade.

Revisão salarial nos quadros de pessoal da Escola T. de Curitiba

Em reunião do Conselho de Representantes, foram discutidas e aprovadas, a partir de 1.º de janeiro de 1961, algumas modificações que se tornaram necessárias nos Quadros de Pessoal, em virtude dos novos níveis salariais do funcionalismo público federal.

PESSOAL ADMINISTRATIVO

N.º de Cargos	CARGOS	Classe	Vagos
1	Tesoureiro	T	1
1	Contador	T	1
1	Aux. Técnico de Contabilidade ..	O	1
1	Almoxarife	M	1
1	Zelador dos Edifícios	L	0
1	Auxiliar Administrativo	J	0
1	Escriturário	I	1
1	Armazenista	I	1
1	Arquivista	H	1
1	Porteiro	H	1
2	Guarda	H	2
7	Auxiliar de Escritório	G	4
13	Servente	F	13

Os atuais servidores estáveis da Escola Técnica de Curitiba, sem prejuízo dos seus direitos e vantagens, poderão, na forma do Art. 145, do Decreto n.º 47.038, de 16-10-59, ser designados para exercerem as funções correspondentes aos cargos acima, tendo, para isso, seus vencimentos ou salários suplementados por gratificação mensal ou especial.

NÍVEIS DE SALÁRIOS MENSAIS

A	7.200,00	L	17.000,00
B	7.500,00	M	18.000,00
C	8.000,00	N	19.000,00
D	9.000,00	O	20.000,00
E	10.000,00	P	21.000,00
F	11.000,00	Q	22.000,00
G	12.000,00	R	23.000,00
H	13.000,00	S	24.000,00
I	14.000,00	T	25.000,00
J	15.000,00	U	27.500,00
K	16.000,00	V	30.000,00
		Y	50.000,00

NÍVEIS DE SALÁRIOS HORA

200,00	a hora
300,00	"
400,00	"
500,00	"
600,00	"

PSSSOAL DOCENTE E TÉCNICO

N.º de Cargos	CARGOS	Classe	Vagos
1	Diretor Executivo	Y	1
1	Médico	V	1
1	Dentista	V	1
25	Prof. Prática Oficina	V	22
1	Orientador Educacional	T	1
1	Auxiliar Orientação	O	1
25	Aux. de Ensino Oficina	O	24
1	Bibliotecário	M	0
1	Aux. Bibliotecário	J	0
1	Enfermeiro	J	0
40	Professôres horistas		38
8	Artífice	J	7

Os atuais servidores estáveis da Escola Técnica de Curitiba, sem prejuízo dos seus direitos e vantagens, poderão, na forma do Art. 145, do Decreto n.º 47.038, de 16-10-59, ser designados para exercerem as funções correspondentes aos cargos acima, tendo, para isso seus vencimentos ou salários suplementados por gratificação mensal ou especial.

FUNÇÕES GRATIFICADAS

2	Diretores de Departamentos	FGC
3	Chefes de Oficina	FGB
10	Chefes de Serviços	FGA

NIVEIS DE FUNÇÕES GRATIFICADAS

FGA	4.000,00
FGB	5.000,00
FGC	6.000,00
FGD	7.000,00
FGE	8.000,00

HENRIQUE BETTES

Presidente do Conselho de Representantes

LAURO WILHELM

Diretor Executivo

Notícias da Escola Técnica de Minas e Metalurgia de Ouro Preto

Discurso pronunciado por ocasião da "COLAÇÃO DE GRAU" dos técnicos metalurgistas de 1960 pelo paraninfo, Dr. Joseph Hein.

Meus caros afilhados.

Muito me cativou a generosidade de vosso gesto, elegendo-me paraninfo da solenidade de vossa formatura.

Permito-me dizer, deixando a modéstia de lado, que há um sentido na opção de que resultou a minha escolha para tão honroso ato.

Por direito e justiça, teríeis de atribuir distinção tão elevada a um dos vossos ilustres professores, prolongando nesta hora, que representa o coroamento feliz de muitos esforços e nobres ideais, um diálogo fecundo e produtivo que há três anos iniciastes nesta Escola.

Quisestes, entretanto, mudar o diálogo, preferindo, por um momento, sem qualquer desdouro para os eminentes e devotados mestres que aqui tivestes, ouvir a palavra de um homem de empresa, neste instante, que é, na realidade, a antevéspera de vossa integração na vida industrial do País.

É exatamente esta palavra, despreziosa, porém sincera, de um homem de empresa, que vos trouxe. E bem podeis imaginar a emoção que inspiram as palavras de quem, como eu, trabalhando há mais de 26 anos na indústria de base do Brasil, tem nesta hora o raro privilégio de poder falar à juventude estudiosa e trabalhadora deste grande País.

Falar aos moços, para os que já amadureceram na vida, é oportunidade para rememorar experiências, definir responsabilidades, discutir problemas, encarar o futuro. Mas, acima de tudo isto, falar aos moços é colocar o espírito no alto, para identificar-se com o ímpeto criador, o entusiasmo e a fé sadia de uma geração a quem, dentro em pouco, se terá de entregar o bastão de comando da vida do País.

As minhas palavras são, realmente, de otimismo e de firme confiança no Brasil e em seu povo.

Há pouco mais de um quarto de século, quando para aqui fui trazido por convite da Belgo-Mineira, senti perfeitamente que as perspectivas de desen-

volvimento de Minas Gerais e do Brasil eram tão largas e promissoras quanto complexas seriam as dificuldades a serem vencidas.

Confesso que muitos problemas, com os quais defrontei de início, foram resolvidos mais cedo do que era possível supor. Orgulho-me mesmo de ter participado de uma geração de homens, nacionais e estrangeiros, que se puseram à frente de tarefas pioneiras para preparar o caminho que enganjará o País no ciclo da civilização industrial de nosso tempo.

Hoje, conta o Brasil com a oitava população do mundo; dispõe de vastos espaços e inesgotáveis riquezas econômicas exploradas e por explorar, descobertas e por descobrir; por herança cultural feliz, aqui convivem e se entendem, em integração democrática, homens de todas as raças e condições sociais; um intercâmbio histórico, que nunca cessou de se fazer, insere, por outro lado, a inteligência do País nas correntes mais avançadas do pensamento científico de nosso tempo. O Brasil é, de fato, um continente, com um só povo, uma só língua, fé religiosa comum, cultura homogênea, tradições espirituais e aspirações que ainda tornam mais possante a sua unidade.

Torna-se fóra de dúvida que, por circunstâncias impostas por um fatalismo histórico, o nosso País atravessa no momento uma fase em que divisa as suas responsabilidades de liderança no Continente, e em que, ao mesmo tempo, se deve preparar para exercer a coliderança do mundo.

Ora, o mesmo esforço e a mesma sabedoria que permitiram, ao longo de quatro séculos e meio de história, a admirável força da unidade territorial, política e espiritual do Brasil, precisam agora exercer-se com mais intensidade ainda, para que o nosso País não só possa como, igualmente saiba ocupar a liderança do Continente e a coliderança do mundo, levando aos povos a mensagem nova de uma civilização que se formou nos trópicos para servir o homem e a sua liberdade.

Tenho, pois, para mim que as gerações que hoje saem das escolas para o trabalho prático da vida têm diante de si, mais do que amplas possibilidades de êxito pessoal, a responsabilidade redobrada de,

mediante o trabalho, o estudo, a meditação, conduzir o País à frente da civilização de nosso tempo.

Felizmente, a Nação já começa a tomar consciência de suas necessidades, sendo perspectiva promissora, nesse sentido, a noção dia a dia mais objetivas que alcança acerca dos problemas coletivos que dizem respeito ao progresso nacional. É indiscutível, entretanto, que desenvolvimento econômico ou, mais especificamente, industrialização, não pressupõe apenas máquinas, energia, meios de transportes, e recursos financeiros bastantes para adquiri-los. Acima e na base de todo o progresso econômico está o homem, o seu preparo profissional, a sua valorização como criatura dotada de inteligência e de espírito.

Vale dizer que, para resolvermos os desequilíbrios que ainda perturbam a vida do País, para vencermos o espectro da miséria social que pesa ainda sobre extensas camadas de nossa população, não basta criar novos instrumentos de trabalho, importar conhecimentos tecnológicos, instalar indústrias: é preciso também e, antes de tudo, preparar o nosso homem para utilizar com eficiência os recursos materiais permitidos pelo moderno sistema industrial.

Um dos notáveis brasileiros de todos os tempos — Rui Barbosa, teve desse problema compreensão exata e penetrante, quando disse, em conferência pronunciada em 1884:

“Criar a indústria, é organizar a sua educação. Favorecer a indústria, é preparar a inteligência, o sentimento e a mão do industrial para emular, na superioridade do trabalho, com a produção similar dos outros Estados.”

Importa lembrar que a industrialização do País atingiu uma fase em que não pode satisfazer-se mais com a pura e simples produção de manufaturas de consumo, pois já enfrenta, como imperativo indeclinável desobrevivência, os problemas relacionados com a produtividade do trabalho industrial e com a fabricação dos chamados bens de produção, em particular as máquinas operatrizes, as turbinas, os equipamentos mecânicos pesados.

Enfrentamos, desta forma, problemas que somente poderão ser resolvidos satisfatoriamente se contarmos com equipes de homens capazes de não só operar produtivamente as máquinas modernas, mas também de adaptar as técnicas importadas e recriá-las em novas bases.

O professor Ernesto Luiz de Oliveira Junior, que é um dos pioneiros da chamada “educação para o desenvolvimento”, resumiu com muita felicidade a tarefa vital que o País tem agora diante de si, no que toca ao preparo técnico-profissional dos homens que se destinam ao trabalho industrial. Disse o ilustre educador:

“O desafio que a circunstância apresenta à cultura brasileira é o do desenvolvimento, e a resposta a esse desafio é o aumento da eficiência do trabalho nacional. Aumento de eficiência quer dizer progresso tecnológico, de modo que a nossa resposta depende da criação de uma verdadeira ideologia da técnica em todas as camadas de nossa população. E o instrumento ideal para a disseminação dessa ideologia é a escola. Não, é claro, a escola tradicional, acadêmica e rotineira, mas uma escola nova, com idéias novas, acessível a todos os cidadãos e procurando dar, a cada um deles, as informações e as experiências de que necessitar para desenvolver plenamente a sua personalidade.”

Podemos dizer assim que a batalha do desenvolvimento brasileiro será ganha tanto mais depressa na medida em que formos capazes de preparar, em número e qualidade, homens plenamente capacitados a operar com as técnicas do trabalho industrial moderno.

Este problema, naturalmente, não é apenas somente brasileiro. Os países, desenvolvidos ou subdesenvolvidos, o enfrentam igualmente com a mesma intensidade, pois sabemos que a batalha pela conquista da hegemonia mundial se trava, em nossos dias, não em campos de luta militar, mas nas escolas, nas fábricas e nos laboratórios científicos.

Uma estatística industrial norteamericana dá, a esse propósito, uma perspectiva muito nítida dos problemas que precisamos encarar desde logo na fase atual de nosso desenvolvimento. Mostra ela a evolução da composição da força do trabalho nos Estados Unidos, no período compreendido entre 1930 e 1950. Entre 1930 e 1940, a força do trabalho na indústria norteamericana compreendia 3% de engenheiros, 8% de técnicos e 89% de operários, a maioria dos quais qualificados. Em 1950, a composição dessa força se alterou para atribuir 5% à colaboração de engenheiros, 11% aos técnicos e 84% a operários.

Esta é, realmente, a tradução estatística de uma lei do progresso industrial de nossos dias, mostrando que, na medida em que uma indústria avança no sentido da produtividade, aumenta gradativamente a necessidade de engenheiros, de técnicos e de operários especialistas, não estando longe o dia em que a mão de obra desqualificada não terá mais emprego na indústria.

No Brasil, experimentamos a mesma evolução, com a agravante, porém, de que não dispomos na escala mínima desejada, de número suficiente de engenheiros, de técnicos e operários qualificados.

Os industriais brasileiros sentiram a seriedade de semelhante problema e, por sua própria iniciativa, ao fundarem, há vinte anos o SENAI, deram uma diretriz satisfatória a um dos aspectos cruciantes da situação existente: o da mão de obra qualificada.

É certo, porém, que, ao lado do operário qualificado, necessitamos cada vez em maior número e qualificação profissional de técnicos e engenheiros de várias especialidades.

Devem ser encarados com otimismo os esforços ultimamente feitos pelas nossas escolas de engenharia no sentido de diversificar seus cursos, aperfeiçoar os existentes, e formar, em número crescente, os profissionais, de que tanto necessita o País nesse particular.

Esse esforço precisa ser acompanhado por trabalho de igual ou maior intensidade no setor do ensino técnico de grau médio.

Sabe-se, com efeito, que temos no Brasil apenas um técnico para cada grupo de dois engenheiros empregados na indústria, quando a necessidade mínima indispensável nesse setor se exprime na relação dois técnicos por um engenheiro. Assim, se precisamos dobrar o número de nossos engenheiros, o de técnicos carece ser quadruplicado, sob pena de não vencermos tão cedo os graves inconvenientes que decorrem da insuficiência e da desproporção existentes nos nossos quadros técnicos.

Sei que estou debatendo um problema já muito conhecido. Se acentuo a sua significação e atualidade, é, porém, pelo desejo de salientar a importância de que a vossa formatura se reveste para o Estado e para o País, assim como para encarecer as responsabilidades que vos caberão na vida prática.

Formastes por uma escola de elevadíssima reputação. O fato de serdes técnicos de Ouro Preto abre-vos, sem dúvida, as portas das indústrias, que conhecem o padrão do ensino que aqui se ministra, a seriedade dos mestres que aqui professam, em suma, a tradição nobre e alta de formação profissional que nesta Escola se conserva e se acrescenta cada dia.

Desejo aqui prestar indeclinável homenagem de admiração ao magnífico corpo docente desta Escola, na pessoa de seu admirável e dedicadíssimo diretor, o meu caro amigo Professor José Barbosa da Silva, assim como aos dirigentes do Ministério da Educação, ora tão bem representados pelo ilustre diretor do Ensino Industrial, Professor Francisco Montojos.

Precioso é, pois, o diploma que hoje conquistastes. E por isto mesmo, mais se avolumam as vossas responsabilidades.

Dois caminhos se abrem agora diante de vós: ingressar na vida prática, iniciando a vossa carreira profissional, ou continuar a frequentar a Escola, desta vez no grau universitário, para daqui a cinco anos enfrentar o futuro como engenheiros.

Ambas essas perspectivas enunciam largas e satisfatórias possibilidades para um jovem de talento, dotado de vontade e perseverança.

Na indústria, ides defrontar, como técnicos, problemas novos. Não é só a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos que lograreis na atividade industrial. Tereis de conviver com outros homens, muitos hierarquicamente inferiores, outros iguais, outros superiores. Lidareis com a árdua tarefa de comandar homens, de orientá-los, de conduzi-los na faina diária. Esta perspectiva adverte-vos de que, além de técnicos conscientes e seguros em vossos misteres, deveis comportar-vos, antes de tudo, como homens responsáveis, — compreensivos e pacientes para com os inferiores, respeitosos para com aqueles aos quais cabem maiores responsabilidades no comando da indústria.

Cabe aqui lembrar a máxima de Montaigne: "Quem conhece os seus deveres e os pratica, verifica que lhe cabe, a fim de aplicar a si próprio o conhecimento dos outros homens e do mundo, contribuir para a sociedade com os deveres e encargos de sua competência. Quem não vive de certo modo para outrem, mal vive para si próprio."

Alguns de vós já tiveram a oportunidade de enfrentar, anteriormente, a experiência do trabalho industrial. Refiro-me aos jovens amigos que hoje se diplomam e que foram preparados nas Escolas Profissionais ligadas à Belgo-Mineira. Simples aprendizes de ofício que eram, vão voltar agora para a usina investidos das tarefas mais complexas que a sua condição de técnicos lhes confere.

Com que emoção eu me dirijo a estes jovens! Lembro-me do momento em que assinei a petição que permitiu fosse instalada uma quarta série complementar na Escola de Monlevade, exatamente para possibilitar que os jovens operários daquela usina pudessem frequentar as escolas técnicas e as escolas de engenharia. Recordo-me perfeitamente do dia em que, entregando-lhes o certificado da conclusão daquela série, declarei, em nome de minha empresa, que a Belgo-Mineira sentirá ter cumprido plenamente a sua missão social no dia em que os seus engenheiros e técnicos puderem ser recrutados entre os seus operários e filhos de seus empregados mais humildes.

Volto agora a reiterar esta declaração e este compromisso de ajudar aos que conosco colaboram a realizar a mais nobre de suas aspirações, que é a de ascender, pelo mérito e pelo conhecimento, na hierarquia funcional de nossa empresa.

Os que, entretanto, preferirem continuar os seus estudos, de certo, terão diante de si outras tantas possibilidades de êxito profissional, tornando-se elementos positivos na indústria e na sociedade. Estes, naturalmente, alargarão o seu horizonte intelectual, ao passo que aqueles que ingressarem desde logo na atividade industrial, mais e mais terão oportunidades para aprofundar-se na especialização do setor que escolherem.

Enquanto os primeiros — na escola, ainda se entregarão ao estudo puro de formação, os últimos, que mergulharem na vida prática, poderão nesse intervalo ter adquirido conhecimentos e experiências que os farão merecedores de posições de destaque na indústria.

O fato é que na indústria de hoje há inúmeros exemplos de engenheiros e técnicos que são testemunhos eloquentes da posição a que podem chegar, pelo valor e mérito pessoal, tanto uns, quanto outros. Engenheiros e técnicos, na realidade, formam duas áreas intimamente entrosadas do exército in-

dustrial moderno — os primeiros compõem a frente estratégica, os segundos o campo tático, ambos com iguais oportunidades de plenitude profissional.

Na companhia que dirijo, poderia citar, com satisfação, exemplos típicos de uma e de outra categoria, e faço votos para que, no futuro, possa sempre encontrar a mesma gama de valores positivos nos dois campos de formação profissional, ambos absolutamente necessários para o harmonioso avanço da atividade econômica.

Realmente, é na indústria que se completa a formação profissional, tanto do engenheiro, quanto do técnico. Os técnicos, que têm a possibilidade de ingressar na vida industrial mal saídos da adolescência, quando as suas inteligências se encontram bastante flexíveis e aptas à conquista de todos os conhecimentos, precisam compreender que a prática não exclui, antes exige, o estudo contínuo e a investigação sistemática. Casar a prática com o estudo torna, sem dúvida, mais atraente a atividade industrial e permite ao técnico, em plena juventude, tornar-se um especialista consumado em seu setor.

Vale lembrar que na Suíça e no Japão, países que se destacam pelo seu alto desenvolvimento industrial, os técnicos, pelo apuro e aprimoramento de sua formação e de seus estudos, conseguiram que, após seis anos de atividade na indústria, a sua situação seja equiparada à dos engenheiros.

Uma tal perspectiva, naturalmente, poderá existir também em nosso país. É certo, entretanto, que serão os próprios técnicos, pelos seus conhecimentos, seu valor e seu esforço profissional, que deverão de conquistar semelhante *status* no Brasil.

Antes de tudo, os técnicos precisam constituir um vínculo entre a escola e a indústria, colaborando, não só, para o êxito de sua empresa, como também para o próprio aprimoramento da preparação escolar de sua profissão. Assim, cumprirão o compromisso que assumiram para com a sociedade, ajudando os que virão a melhor se preparar para o futuro. Ao mesmo tempo, terão saldado parte do dever de gratidão que têm para com aqueles que possibilitaram o que hoje são.

Meus jovens paraninfados:

O Senhor Presidente da República, em discurso recente, por ocasião da inauguração de uma escola

○ BOLETIM Apresenta Mr. Donald M. Shutts

O Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores conta com mais um membro no seu corpo de técnicos especializados — Mr. Donald M. Shutts.

Mr. Donald M. Shutts, técnico americano de eletricidade, foi convidado para vir ao Brasil a fim de ministrar aulas de sua especialidade profissional.

Chegou ao Brasil em março deste ano, tendo imediatamente entrado em contacto com o Diretor Técnico americano Mr. Alton D. Hill, e iniciado suas atividades no campo do Ensino Industrial.

Por serem idênticas às atividades que o referido técnico desempenhava como professor de eletricidade no State University of New York (Instituição de Treinamento de Professores), não encontrou dificuldades em preparar e ministrar aulas aos alunos do Centro de Treinamento devido ao grande conhecimento em transmitir os seus ensinamentos profissionais. A oportunidade oferecida pelo Boletim da CBAI deu-lhe a satisfação de po-

em São Paulo, resumiu numa palavra feliz o móvel superior que deve inspirar a juventude brasileira.

Esta palavra é *ambição*. Ambição de ser filhos de um grande e poderoso país, ambição de colaborar na fase mais gloriosa de sua pátria, ambição de ser vitoriosos na vida profissional, de ocupar um lugar de destaque em sua vida profissional, na empresa em que trabalham, no Estado e no País em que vivem. Ambição e energia para enfrentar os problemas do Brasil. Ambição que se traduz em ímpeto criador, que reflete esperança, que significa amor à vida e amor à pátria, ambição que representa inconformismo com a miséria de tantos brasileiros, reação contra o fato de não sermos aquilo que deveríamos e podemos ser.

A todos vós, meus caros afilhados, sinceramente desejo serdes inspirados nesta elevada ambição — *ambição altruística que vos ensina que sòmente sereis felizes e realizados na medida em que contribuídes para a felicidade e o progresso da vossa sociedade, do vosso País.*

Para tantos quero o destino que Napoleão a si próprio traçou um dia: *Excelsior* — sempre para o alto e para frente!

der esclarecer alguns pontos de vista, planos e impressões. No decorrer do Curso pretende apresentar um método de trabalho, levando em consideração o grau-nível de aprendizagem, e o poder de assimilação, a fim de possibilitar futuramente os técnicos brasileiros a seguir as mesmas normas já adotadas, convictos dos resultados já obtidos, devido às observações apuradas na exposição das aulas e do aproveitamento obtido pelos alunos.

Reunimos alguns dados sobre a sua pessoa e esboçamos, em ligeiras notas o seu perfil:



MR. DONALD M. SHUTTS

Diplomou-se em Eletricidade em Cornell University, recebendo o título de "Master", no ano de 1948; lecionou durante muito tempo na mesma Universidade.

Todos os anos tem voltado a University Cornell, a fim de fazer cursos de verão que aquele estabelecimento de ensino promove aos seus ex-alunos.

Confessa ter encontrado muita facilidade no desenvolvimento de sua profissão devido à maneira cavalheiresca e muito peculiar dos brasileiros.

Está confortavelmente domiciliado em Curitiba com sua esposa e três filhos, sendo duas moças e um rapaz, os quais estão atualmente fazendo cursos universitários no Paraná, a fim de poderem melhor se entrosar no *modus vivendus* dos brasileiros.

L I D E R A N Ç A

A liderança é uma qualidade extremamente rara. Há muitos chefes que possuem ótimos métodos de trabalho e amplos conhecimentos de sua tarefa. São bons técnicos, mas não compreendem qual é a essência da verdadeira liderança.

Que será a liderança? Podemos defini-la como "influência que uma pessoa exerce sobre o movimento e ação dos outros. Ou, ainda, em outros termos, podemos dizer que o líder é aquele que leva os outros a cooperar, espontaneamente, para a consecução de um objetivo comum.

Na liderança temos que considerar tanto os atributos do próprio líder, como os efeitos que promovem nos liderados. Daí resulta que a verdadeira liderança é mais conhecida pelas personalidades que enriquece do que pelas que ela domina.

Há o caso de um chefe que costuma dizer: — "Não tenho, mas provoico úlceras nos outros". Era um homem severo e não se envergonhava de usar de uma disciplina rigorosa. Obteve resultados até certo ponto, mas provocava em seus homens um colapso total. Eram homens frustrados por não serem tratados como seres humanos. Seu superior estava interessado em coisas e não em pessoas; pensava somente no dinheiro que eles representavam e nos lucros que a eles poderia auferir. O chefe que usa a psicologia do medo para manter a disciplina, está longe de reconhecer a verdade que Clarence Francis expressou com muita propriedade: Podemos compara por hora e por dia a sua atividade muscular. Não podemos comprar entusiasmo, não podemos comprar dedicação de corpo e alma. Temos que merecer estas coisas".

Sim, os líderes enfrentam uma tarefa difícil. O que têm a fazer, é guiar, espertar sempre à vanguarda, submeter-se a uma disciplina mais rigorosa do que exigem dos outros e esta disciplina deve ser cada mais uma auto-disciplina. O homem que ocupa o primeiro posto, deve ser o primeiro no mérito.

Muita gente empregou tempo e esforço analisando a personalidade dos chefes procurando descobrir como chegaram à posição de chefe. Arrolaram um certo número de traços nos chefes bem

sucedidos que, usualmente, chamamos "qualidades executivas". Algumas dessas qualidades são óbvias, outras surpreendentes. Há 24 atributos essenciais de liderança que constituem o papel do verdadeiro líder.

- 1 — **AUTORIDADE**: O líder aceita voluntariamente e sem esforço, autoridade e responsabilidade.
- 2 — **AMBIÇÃO**: O líder deseja progredir, realizar, alguma coisa, obter prestígio e compensação monetária.
- 3 — **INTERESSE E ENTUSIASMO**: O líder quer do primeiro a chegar e o último a sair. Lê assuntos técnicos relacionados com o seu trabalho.
- 4 — **LEALDADE**: O líder é leal para com a firma, seu superior e seus subordinados.
- 5 — **INTEGRIDADE**: O líder desperta confiança nos seus companheiros e subordinados.
- 6 — **CONHECIMENTO**: O líder conhece sua tarefa e a política de sua organização. Sabe qual é o seu objetivo e os meios para conseguirlos.
- 7 — **HABILIDADE EM PLANEJAR E ORGANIZAR**: O líder sabe como planejar, delegar responsabilidades e autoridades, controlando o trabalho de seus subordinados.
- 8 — **PRODUTIVIDADE**: O líder sabe como conseguir o melhor de cada um e consegue que as coisas sejam feitas sem alvoroço.
- 9 — **ENGENHOSIDADE**: O líder não se exaspera e nos casos de emergência sabe onde encontrar uma solução. Os problemas que surgem não lhe causam frustração, ao contrário, estimulam.
- 10 — **CORAGEM**: O líder precisa ter coragem mental e física. Precisa ser capaz de lidar com fatos, pessoas e problemas desagradáveis.
- 11 — **INSPIRAÇÃO**: O líder consegue que seus subordinados façam com entusiasmo o que realmente precisa ser feito e da maneira como deve ser feito.

Novos Conselhos de Representantes

O Presidente da Republica, resolve:

Designar:

De acordo com o art. 17 da Lei 3.552, de 16 de fevereiro de 1959, combinado com os arts. 88, 89 e 138 do Regulamento do Ensino Industrial, aprovado pelo Decreto n.º 47.038, de 16 de outubro de 1959, alterado pelo de n.º 47.258, de 17 de novembro de 1959.

Para constituírem o Conselho de Representantes da Escola Industrial Deodoro da Fonseca:

1) O professor Euridice Martins da Silva, como representante do corpo docente, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente o Professor Irineu José da Silva;

2) O professor da Escola de Engenharia de Alagoas, Antônio Mário Mafra, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente o Professor Jalbas Tavares Lira;

3) O Dr. Fernando Cardoso Gama, como representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, 2ª Região, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, o Dr. Milton Leite Soares;

4) O industrial Humberto Paiva, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, José Lages Filho;

5) O industrial Cicero Toledo, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Joaquim Gonçalves;

6) O educador Joaquim Leão, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Laurinda Vieira Mascarenhas.

* * *

Para constituírem o Conselho de Representantes da Escola Técnica de São Luís, da Diretoria do

12 — PERSEVERANÇA: O líder não entrega os pontos facilmente. Quando falha, encontra sempre maneira de fazer melhor.

13 — SOCIABILIDADE: O líder sabe como fazer amigos; é benquisto e sente-se à vontade na companhia dos outros. Não é necessário que seja do tipo exuberante.

14 — COOPERAÇÃO: O líder pode trabalhar sem irritar-se. Aceita sugestões e críticas, embora, intimamente, possa ressentir-se como alguma coisa.

15 — ESPÍRITO DE JUSTIÇA: O líder é justo e imparcial para com os seus subordinados. Não tem favoritismos.

16 — DECISÃO: O líder verdadeiro é aquele que está em condições de tomar qualquer decisão diante de situações-problema, as mais indicadas, ainda que não definitivas. É uma das maiores qualidades de liderança.

17 — CRITÉRIO: O líder tem a capacidade de analisar os problemas em seus elementos componentes; pode compará-los, avaliando-os acertadamente.

18 — OBJETIVIDADE: O líder aceita a discussão e a idéia dos outros. Suas convicções pessoais não devem interferir nas decisões.

19 — DINAMISMO: O líder possui grande capacidade de trabalho. Sempre toma iniciativas nas resoluções de problemas. Nunca deixa o trabalho parar.

20 — ENERGIA: O líder é um homem enérgico sem ser dominante; consegue impressionar os outros, induzindo-os a aceitar de bom grado os seus pontos de vista.

21 — DIPLOMACIA: O líder considera o sentimento dos outros, sem ser hipócrita e sabe o que dizer nos momentos difíceis.

22 — AUTO-CONTROLE: O líder domina seus impulsos, emoções e desejos.

23 — APARÊNCIA FÍSICA: O líder é cuidadoso para com sua maneira de trajar, apresentando-se elegante sem ser vaidoso.

24 — SAÚDE: O líder tem disposição para o trabalho; é decidido, porém sabe quando deve descansar. Equilibra suas atividades com exercícios e recreação.

(Traduzido da revista STORES — J. Gordon Dakins, Executive vice-Presidente, NRDGA).

Ensino Industrial, do Ministério da Educação e Cultura:

1) O professor Urbano de Araújo Franco, como representante do corpo docente pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente o Professor Afonso Celso de Melo;

2) O Dr. José Guimarães Casal, como representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, 1.ª Região, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente o Doutor Domingos de Freitas Diniz Neto;

3) O industrial Cesar Alexandre Aboud, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, Manoel Lages Castelo Branco;

4) O industrial Haroldo Corrêa Cavalcanti, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, Ernani Maia Pereira;

5) O industrial Glorceli Costa, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Remy Archer da Silva;

6) O educador José da Silva Rosa, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, José de Ribamar Carvalho.

* * *

Para constituírem o Conselho de Representantes da Escola Industrial de Natal, da Diretoria do Ensino Industrial, do Ministério da Educação e Cultura:

1) O professor Alvamar Furtado de Mendonça, como representante do corpo docente, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o Professor Geraldo Serrano;

2) O professor da Escola de Engenharia do Rio Grande do Norte, Milton Dantas de Medeiros, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente o Professor José Bartolomeu dos Santos;

3) O Dr. Antonio Ramos Tejo, como representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, 2.ª Região, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, o Dr. Dirceu Victor Gomes de Holanda;

4) O industrial Luiz Carlos Abbott Galvão, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, João Alves Ferreira;

5) O industrial Messias Dionísio dos Santos, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, João Lúcio Fonseca;

6) O educador Cônego Nivaldo Monte, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Ascendino Henriques de Almeida Júnior;

* * *

Para constituírem o Conselho de Representantes da Escola Técnica de Mineração e Metalurgia de Ouro Preto da Diretoria do Ensino Industrial, do Ministério da Educação e Cultura:

1) O professor Theodorico da Cruz, como representante do corpo docente, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o Professor Altamiro Tibiriçá Dias;

2) O Dr. Teófilo Marques Alvares da Silva, como representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, 4.ª Região, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, o Dr. Santiago de Melo;

3) O professor da Escola Nacional de Minas e Metalurgia, Luiz Raul Guimarães, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o Professor Waldyr Braga de Freitas;

4) O industrial Waldyr Emeiridi, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, Jovelino Rabelo;

5) O industrial José Joaquim Carneiro de Mendonça, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Nicodemos Macedo Filho;

6) O educador José Pedro Xavier da Veiga, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, José Badini.

* * *

Para constituírem o Conselho de Representantes da Escola Técnica de São Paulo, da Diretoria do Ensino Industrial, do Ministério da Educação e Cultura:

1) O professor Gustavo Henrique Boog, como representante do corpo docente, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o Professor Nelson Honório de Avelar;

2) O professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, Antônio Carlos Cardoso, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o Professor Paulo Guimarães da Fonseca;

3) O Dr. Eduardo Corona, como representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquite-

tura, 6.^a Região, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, o Dr. José Cactano de Abreu;

4) O industrial Rubem de Mello, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, João Cavallari Sobrinho;

5) O industrial Vicente Mammana Neto, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Orlando Laviero Ferraiolo;

6) O educador Flávio Penteado Sampaio, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Antônio D'Avila.

* * *

Para constituírem o Conselho de Representantes da Escola Industrial de Cuiabá, da Diretoria do Ensino Industrial, do Ministério da Educação e Cultura:

1) O professor Darwin Monteiro da Silva, como representante do corpo docente, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o professor Hilário de Souza Campos Filho;

2) O Dr. Benedito Mutran, como representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, 6.^a Região, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, o Dr. Chaut Stephan;

3) O industrial Mário Spinelli, pelo prazo de seis (6) anos, e, como seu suplente, Orlando Nigro;

4) O industrial Francisco de Andrade Lima, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, Enoch A. Trindade;

5) O industrial Hélio Ponce de Arruda, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Antônio Henriques de Carvalho;

6) O educador João Corbelino, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, José Vidal.

* * *

Para constituírem o Conselho de Representantes da Escola Técnica de Pelotas, da Diretoria do Ensino Industrial, do Ministério da Educação e Cultura:

1) O professor Arlindo Carlos Paulsen, como representante do corpo docente, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o Professor Antonio Sparemberg P. de Carvalho;

2) O Dr. Augusto Simões Lopes Junior, como representante do Conselho Regional de Engenharia

e Arquitetura, 8.^a Região, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, o Doutor Ruy Gomes da Silva;

3) O professor da Escola de Engenharia Industrial de Rio Grande, Isidoro Halpern, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o professor José Mabilde Ripoli;

4) O industrial Gabriel Tomberg, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, Octaviano Vasques Goulart;

5) O industrial Jorge Kratz, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, João Francisco Dias da Costa;

6) O educador Jayme Soares de Oliveira, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Vicente Rochedo.

* * *

Para constituírem o Conselho de Representantes da Escola Industrial de Florianópolis, da Diretoria do Ensino Industrial, do Ministério da Educação e Cultura:

1) O professor Nilo Jacques Dias, como representante do corpo docente, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, o Professor Jutair Beiro Carames;

2) O Dr. Rui Ramos Soares, como representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, 10.^a Região, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, o Doutor João Eduardo Moritz;

3) O industrial Celso Ramos, pelo prazo de 6 (seis) anos, e, como seu suplente, Júlio Zadrosny;

4) O industrial Francisco Grillo, pelo prazo de 4 (quatro) anos, e, como seu suplente, Cezar Bastos Gomes;

5) O industrial João Batista dos Santos, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, José Portella;

6) O educador Roberto Lacerda, pelo prazo de 2 (dois) anos, e, como seu suplente, Adriano Mosimann.

"Dedica-te com amor à profissão que aprendeste, para que ela te possa suprir as necessidades e te dar satisfação. Quanto ao remanescente de tua vida, passa-o com aquele que, confiante, deixou aos deuses os seus cuidados. Não sejas tirano, nem escravo de ninguém."

MARCO AURELIO

O Valor da Educação Física nas Escolas Industriais

Prof. NUBAR V. SALIBIAN

Somos forçado a admitir que, com muita escassez nos deparamos com leituras abordando esse tema, o que é de se lamentar profundamente, e esse fato, por si só, não seria motivo para deixar passar o ensejo de, ainda que modestamente, trazer o assunto aos leitores deste "Boletim".

A Educação física no Brasil, de um modo geral, embora em nossos dias atravesse sua melhor fase, inegavelmente, ainda está longe de se colocar no lugar que merece.

Não pretendo com isso grangear para a Educação física excepcionais atenções mas as atenções que de fato merece. É ela a principal responsável pela eugenia de uma raça.

O conjunto muscular do homem exige muito movimento, não só devido à sua função, mas para melhor desembaraço de todo organismo. Momentaneamente em nossos dias, com o fabuloso progresso mecanizado, a vida vai-se tornando menos ativa, mais confortável e ociosa. Percebendo o inconveniente que daí advém, é que o Presidente dos EE. UU. John Kennedy, desde a sua investidura, tem recomendado a ginástica diária ao povo americano, frisando: "É NECESSARIO QUE FORJEMOS HOMENS DE AÇÃO E NÃO ESPECTADORES DA EXISTENCIA". Sigamos-lhe o conselho.

Eis em quatro itens os principais valores da Educação física que concorrem para a perfeita formação do educando:

1.º) — Acelera a circulação sanguínea pelo corpo todo, levando mais alimento aos tecidos celulares, eliminando as substâncias residuais tóxicas, tais como: ácido láctico, xantina, hipoxantina e muitas outras. Distribui as secreções endócrinas, equilibra as porções de água e controla o aparelho termo regulador do corpo.

2.º) — O exercício aumenta a eliminação dos resíduos pelos rins, pulmões, intestinos e pele.

3.º) — O metabolismo é influenciado, melhorando a digestão, acelerando a assimilação e acentuando a nutrição.

4.º) — Como consequência do aumento da circulação, aperfeiçoa a atividade nervosa.

Nos estabelecimentos de ensino industrial, Educação física visa, como objetivo geral, a suscitar, desenvolver e aprimorar as qualidades físicas do educando, estimular o funcionamento dos órgãos e assegurar-lhe a saúde. Como objetivo especial, desenvolver, excepcionalmente, certas qualidades físicas que a natureza da profissão escolhida exige para maior rendimento do trabalho.

Assim, o aluno do curso de serralharia, marcenaria, fundição ou mecânica requer força e resistência muscular, e seu trabalho renderá mais, se a sua resistência à fadiga for aumentada. Por outro lado, as costureiras, os rádio-técnicos, sapateiros etc. que são forçados a permanecer por muito tempo numa posição incômoda, curvados para frente necessitam de atividades físicas que lhes permitam contrair e estender os músculos, que, em caso contrário, tenderão a se atrofiar.

O sistema nervoso equilibrado permitirá maior aproveitamento em atividades mais delicadas, como entalhação, pintura, acabamento de móveis, etc.

Com estes poucos exemplos, acreditamos que será fácil compreender a importância da prática racional da Educação física nas Escolas Técnicas e Industriais.

Não menos importante é a recreação, assunto que abordaremos na próxima oportunidade.

"Obra de patriotismo é atrair os nossos patriotas para o campo, nele fixá-los, incutir-lhes o amor e interesse pela exploração da terra, sempre dádiosa para os que lhe pedem o bem-estar, e em cujo contacto se formam os caracteres fortes e altivos, combatendo às más tendências a fazer deste país o paraiso dos funcionários públicos e doutores."

PRESIDENTE RAUL SOARES

DIVAGAÇÕES LINGÜÍSTICAS

MOCASSIM — SINTAXE DE "BATIZAR" — BONS VENTOS O LEVEM! — QUAL É A SUA GRAÇA! — MEIA — BELVEDERE — SINTAXE DE "ELEGER" — NOMES DE PESSOA INGLÊSES — VINHO FRIZANTE — O VERBO "EXISTIR" — CONFORME TU.

R. F. MANSUR GUÉRIOS

Mocassim é o nome de um calçado moderno, feminino, pôsto em divulgação primeiramente nos Estados Unidos, cuja indústria se inspirou no *mocassin*, calçado dos índios norte-americanos.

O vocábulo pertence à língua dos algonquinos (no dialeto *narragansett mokussin*, no dialeto *massachusett mohkisson*) e indica propriamente um chinelo sem salto, ou, melhor, uma cobertura dos pés, feita de uma só peça de couro não curtido. Trata-se de um calçado vantajoso na caça e espreita do inimigo.

A forma e o estilo diferiam de acôrdo com a tribo e com o gosto pessoal, mas era usualmente feito, a parte superior, com pele macia de veado, e freqüentemente bordado de contas ou decorado com espinhos de porco-espinho.

Na França, *mocassin* já está documentado desde o século 17, graças à colonização francesa nos Estados Unidos. Na Itália, sob a forma *mocassino*, é de introdução recente, como no Brasil.

Não conheço dicionário da língua portuguesa que o registre. A falha dos nossos é enorme!

* * *

Sintaxe do verbo *batizar*: Batizar alguém (administrar o sacramento do batismo): batizá-lo. Batizar algo (pôr nome): batizar alguém com o nome de. Batizar-se (apassivado: ser batizado). Fazer com que alguém receba o sacramento do batismo: Paulino batizou o vizinho.

* * *

Bons ventos o levem! é expressão que, certamente, é bem antiga, e talvez não fôsse primitivamente irônico, como se usa hoje, mas sincero voto de boa viagem marítima.

* * *

— *Qual é a sua graça?* em vez de *qual é o seu nome?* é uma oração criada por influxo cristão. *Graça* aí é sinônimo de *nome*, com o qual o indivíduo se cristianizou pelo batismo. Lembre-se da pergunta inicial do Catecismo: — "És cristão?" — "Sim, sou cristão pela graça de Deus".

* * *

A palavra *meia*, substantivo, é abreviação de *meia calça*, expressão encontrada, p. ex., em Camões.

Outrora, as calças, que eram de vários feitios, compreendiam o *calçado* (sapato ou botina ou bota), cobertura dos pés, e ao que hoje chamamos *meia*, e iam até os joelhos. Daí para cima, existiam as *bragas*, expressão hoje inusitada, mas viva no derivado *braguilha* (popular *barguilha*). Há um provérbio velho que as lembra: *Não se pescam trutas a bragas enxutas*.

De passo, note-se que o adjetivo *desbragado*, "dissoluto, desenfreado", não tem nada que ver com *bragas*, "calça", senão com *brega*, "argola de ferro para prender as pernas dos condenados a trabalhos forçados, e que se ligava a uma corrente", donde o verbo *desbragar*, "despreparar da brega", e, figurado, "tornar libertino, dissoluto". Paralelismo semântico — *desenfrear*, a comparar com *freio*, metafóricamente.

* * *

Belvedere é um composto de *bel*, "belo" e *vedere*, "ver", isto é, "bela vista".

Na Itália assim foram e tem sido chamadas nobilíssimas vilas situadas em elevação e de onde se aprecia qualquer belo panorama.

Há, em português, *belveder*, adaptação, e *belver*, tradução.

Definição de Aulete: "pavilhãozinho ou terra-

ço que coroa e domina um edifício e donde se descobre um grande horizonte; mirante".

Os nomes próprios *Bela Vista* e *Boa Vista* "nacionalisticamente" dão o mesmo significado que o termo italiano. E como brasileirismo — *esplanada* — vale quase o mesmo: "sítio elevado e descoberto de onde se tem boa perspectiva".

Belvedere tem ainda, no italiano, os seguintes sentidos: "uma vela de embarcação"; em algumas estradas de ferro — *vettura belvedere* — é um carro de luxo que facilita a apreciação das paisagens por onde passa o trem; nome de uma planta ("*chenopodium scoparium*").

O nome dessa planta passou a Portugal. Há esta documentação em Camões, se bem que no gênero feminino: "De frescas belvederes rodeadas / Estão as puras águas desta fonte" (soneto em "Líricas").

* * *

Sintaxe do verbo *eleger*: *eleger* alguém (elegê-lo); *eleger* alguém secretário; *eleger* alguém por, para, em, como Secretário.

* * *

Alguns plurais: *canários-da-terra* (sing. *canário-da-terra*), *bulevares* (sing. *bulevar*), *busca-pés* (sing. *busca-pé*), *bombons* (sing. *bombom*), *bônus* (sing. *bônus*), *cola-tudo* (sing. *cola-tudo*).

* * *

Verifica-se, pelos exemplos abaixo, a influência do cinema norte-americano na difusão de nomes de artistas pelo Brasil afora: *Marlene, Hedy, Ingrid, Edna, Sheila, Mabel, Mildred, Douglas, William, Ronald, Percy, Janet, Shirley, Peggy, May, Dorothy, Mary, Betty, Jean, etc.*

* * *

Vinho frizante ou abreviadamente *frizante* é uma expressão que veio para o público graças à nossa crescente indústria vinícola. Não está ainda registrada no "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa", mas já, por exemplo, no Aulete (ed. de 1958), como brasileirismo do Sul: "diz-se de, ou vinho ligeiramente picante".

É um italianismo — *frizzante* ou *vino frizzante* — pois a vinicultura brasileira se deve à colonização italiana no Rio Grande do Sul e em São Paulo.

Como em italiano *frizzante* (do verbo *frizzare*, "picar, morder, pungir, ferir") tem os *zz* sonoros, que se pronunciam *dz* em gemação, está bem representado com *zê* em português — *frizante* — e não *frisante* — se bem que não distinguimos o esse entre vogais do *zê*. Deve-se, quanto possível, atender à ortografia da língua originária. É um dos princípios da etimologia.

* * *

O verbo *existir* é sempre pessoal, embora como sinônimo de *haver*. Usa-se mais frequentemente na ordem inversa: *Existem* pessoas estranhas. Nunca pode ser empregado impessoalmente; assim, é errado: *Existe* pessoas estranhas.

Em locução: *Podem existir* pessoas estranhas. *Deviam existir* livros. *Tinham existido* plantas.

* * *

As preposições essenciais não podem reger os pronomes retos *eu* e *tu*; devem êstes ser substituídos pelos correspondentes oblíquos, preposicionados — *a mim, de ti, em mim, por ti, entre mim e êle, entre mim e ti, entre ti e ela, entre êle e mim, contra mim, etc.* Com a preposição *com*, usase *comigo, contigo, consigo*.

Se as preposições forem acidentais, pode-se usar dos pronomes retos: *afora tu, conforme tu, consoante eu, salvo tu, etc.* Contudo, não é errado: *segundo comigo, ou segundo a mim, conforme contigo ou conforme a ti, etc.*

"Educação Profissional ensina às pessoas como trabalhar de um modo efetivo e cooperativo no interesse público. Ela capacita o homem a concentrar-se acima do campo do pensamento criativo e do esforço cívico, social e cultural por conservar a energia e o tempo requeridos para fazer o trabalho que capacita a viver utilmente."

THEODORE STRUCK

"Realmente, o trabalho, na magnitude de sua expressão, é uma prova de superioridade que os homens completos podem realizar e o realizam."

JOSÉ ARIAS

CANTO ORFEÔNICO

Assunto: Ritmo e Métrica.

O ritmo está presente em todas as manifestações da natureza.

Há ritmo no balouçar das folhas ao vento, no voo das aves, no caminhar do animal, na pulsação da vida pelo órgão máximo — o coração.

Há ritmo na disposição dos astros e planetas girando em suas órbitas na manifestação de uma regência suprema. Enfim, o ritmo é a essência da vida e da ordem.

Por isso mesmo, sendo uma capacidade inata do indivíduo senti-lo, por que ensinar o ritmo por meio de regras?

Qualquer aluno é capaz de acompanhar o desenvolvimento rítmico de uma música, batendo palmas. Os que não o conseguem, têm apenas falta de coordenação reflexivo-motora. Porém, com algum tempo gasto em exercícios adequados, desenvolverão também um certo controle de movimentos que lhes permitirá "sentir" e "reproduzir" o ritmo. Por exemplo, o professor anuncia: Quando eu bater palmas, todos os alunos devem levantar os braços. Depois levantarão só o braço direito ao ouvirem duas batidas minhas.

Os alunos ficarão atentos para o sinal, gastando um certo tempo em interpretá-lo e realizar o que ele determina.

Este tempo de reflexão irá diminuindo com a repetição dos exercícios e o controle reflexivo muscular se transformará num "reflexo condicionado".

Quando houver espaço, devem ser praticados exercícios de marchas simples, marchas reproduzindo rítmicos, palmas ou batidas em instrumentos de percussão. Estes instrumentos com timbres diferentes poderão ser utilizados nos exercícios de polirritmia, isto é, ritmos diferentes executados simultaneamente por dois ou mais grupos de alunos.

Não se deve confundir *ritmo* com *compasso*.

O ritmo já existia antes do mensuralismo que apareceu para facilitar a leitura musical. A barra de divisão do compasso só se fixou a partir do século XVII.

O ritmo não depende, portanto, do compasso e, como exemplo, podemos citar formas musicais diferentes como: a marcha, o fox-trot, o samba, o tan-

go, que são escritos em compasso binário e que, no entanto, não se confundem, devido às suas características ou frequências rítmicas que os distinguem uns dos outros.

A mesma coisa acontece com o minueto, a valsa, a rancheira, escravizados ao compasso ternário, mas completamente diferentes na sua essência rítmica.

As músicas modernas têm como elemento predominante o ritmo. Alguns compositores já não usam as barras de divisão e nem indicam o compasso pela fração tradicional. Tomando uma das



Prof.^a KLEIDE F. A. PEREIRA

fiuras, geralmente a semínima, como unidade de tempo do movimento, por meio dela organizam o ritmo.

Resumindo, estes dois conceitos: ritmo e compasso podem ser definidos da seguinte maneira:

Ritmo é a organização do movimento dentro do tempo; consiste, geralmente, em agrupar valores de tempo combinados por meio de acentos.

Compasso é a volta periódica de um tempo forte que pode ser mais rápida ou mais demorada, conforme as divisões feitas entre estes tempos fortes. Na grafia, é representado por linhas verticais que atravessam a pauta e são chamadas barras de divisão.